

## Foucault e a prostituição ou a vida das mulheres infames

VARLEI RODRIGO DO COUTO\*

Em entrevista de 1971, Michel Foucault afirma que os historiadores estavam preocupados em penetrar nos segredos mais íntimos de nossa civilização, na forma como ela constitui sua identidade, nas coisas pelas quais concede valor. Porém, os historiadores deixaram de lado “aquilo que nossa civilização rejeita”. Nesse sentido, seria interessante, segundo ele, tentar

compreender nossa sociedade e nossa civilização através de seus sistemas de exclusão, de rejeição, de recusa, através daquilo que elas não querem, seus limites, a obrigação em que se encontram de suprimir um certo número de coisas, de pessoas, de processos, o que elas devem deixar soçobrar no esquecimento, seu sistema de repressão-supressão (FOUCAULT, 1971:14-15).

Percebendo a sexualidade como um desses sistemas de exclusão, o objetivo geral de Foucault em *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 2011) não foi fazer uma “história dos comportamentos nem uma história das representações”, nem tampouco mostrar a evolução das “práticas e das condutas sexuais” (FOUCAULT, 2010:9). Construída historicamente, tratava-se, para ele, de fazer a história da sexualidade enquanto experiência, percebendo de que forma, “nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma experiência tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma sexualidade (...) que se articula em um sistema de regras e coerções” (FOUCAULT, 2010:10).

Desse modo, a sexualidade não pode ser pensada através da lógica de um poder que opera reprimindo, calando, silenciando o sexo. Pelo contrário, negando a hipótese repressiva ele propõe a desconstrução de “uma representação jurídica e negativa do poder”, já que “nas sociedades modernas, o poder, de fato, não regeu a sexualidade ao modo da lei e da soberania” (FOUCAULT, 2011:101). A sexualidade foi centrada no interior de um dispositivo que através de um conjunto de procedimentos e discursos produziu diferentes

---

\* Mestrando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista do CNPq.

saberes que capturaram o sexo, normatizando-o, codificando-o. “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2011:118).

Percebendo a sexualidade não como uma invariante biológica, as proposições de Foucault alavancaram inúmeros estudos que, influenciados pela publicação da *História da Sexualidade*, começaram a mostrar as inúmeras rupturas na história. A título de exemplo, lembro o trabalho de Jean-Louis Flandrin. Para ele, ao contrário do que naturalmente aprendeu-se a acreditar, o amor conjugal nem sempre foi exaltado pela Igreja Católica e que, portanto, só há pouco tempo esta instituição canonizou como sagrado o amor conjugal entre homens e mulheres (FLANDRIN, 1988).

Embora a sexualidade fosse apenas um dos sistemas de exclusão pelo qual Foucault faz alusão, outros temas permaneceram como marginais na historiografia, como a história da loucura e a própria história das mulheres. Considerada como tabu, a história da prostituição foi até recentemente considerada um tema marginal pela academia. Alain Corbin (CORBIN, 1978) estranhava esse pudor dos historiadores em adentrar nos submundos da prostituição, naquele que se tornou o trabalho mais importante e inovador nos estudos sobre o tema. Publicado em 1978, seu trabalho serviu como inspiração para inúmeros outros estudos. No Brasil, duas obras de destaque foram produzidas: “*Os prazeres da noite*” (RAGO, 2008) e “*Meretrizes e Doutores*” (ENGEL, 2004).

A influência de Michel Foucault para a historiografia da prostituição, tanto no exterior quanto no Brasil foi inegável. Uma das questões mais centrais para Margareth Rago foi demonstrar a dimensão positiva que a prostituição assumiu, isto é, todas as construções simbólicas construídas sobre a prostituição revelam a insegurança de uma sociedade que “lida com dificuldades diante das transformações urbanas que alteram a condição feminina e os atributos da feminilidade” (RAGO, 2008:28-29). Aponta que a figura da prostituta, com todo o imaginário construído sobre ela, serviu como contraponto para a construção e imposição de outro tipo de mulher, valorizado e almejado: a mulher mãe, dona de casa e esposa dedicada.

Fazendo uma genealogia das mitologias misóginas, descortinando e expondo a formação de diferentes saberes, a autora desestabiliza a hegemonia destes imaginários ao

mostrar a função agregativa que a prostituição assumiu na sociedade e nos alerta para os riscos de se construir masculinamente a identidade da prostituta. Para ela, isso implica em “silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina –, recoberta por imagens e metáforas assustadoras” (idem, 2008:23).

Metáforas e imagens que foram produzidas principalmente pelo discurso médico do período. A medicina definiu a prostituição como doença. Como tal, ela representava uma “ameaça que, transcendendo a extensão física do corpo, atinge a família, o casamento, o trabalho e a propriedade” (ENGEL, 2004:16).

\* \* \*

Se a maneira como se formam os diferentes projetos de normalizações que atuam nesses espaços do prazer são bem conhecidos, os cuidados de si, as artes da existência produzidas nesses espaços ainda permanecem desconhecidas. Minha proposta se localiza na tentativa de perceber como, diante do choque com o poder, as prostitutas produziram outros modos de existência, inventando novas possibilidades de vida. Se como afirmou Foucault, o ponto mais intenso das vidas “é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele” (FOUCAULT, 1977), minha intenção é recortar o momento em que estas vidas experimentaram o choque mais incisivo com o poder. Para isso, utilizo aqui as correspondências de duas prostitutas que viveram uma campanha de moralização na cidade de Pouso Alegre, sul do Estado de Minas Gerais no decorrer da década de 1970. São “vidas ínfimas”, vidas que se expõem em poucas páginas, breves, ligeiras, intensas e expressivas. Elas se mostram na rapidez da escrita, na intensidade de registrar os momentos furtivos, os encontros desejáveis e indesejáveis.

Assim como as existências infames encontradas por Foucault por acaso em livros e documentos (idem, 1977), encontrei-as, também por acaso, numa caixa de madeira que escondia sob um lenço perfumado um maço de papéis que até aquele momento nada tinha de útil à história. Eram escritos que haviam se perdido no tempo, deixados de lado, obscurecidos por uma memória que os encerrou, mas que “nos retornam pelos múltiplos acasos” (idem, 1977:210). Acasos que, como diria Deleuze, foram frutos da “intuição” (DELEUZE, 2012). Entre descartar estas cartas ou guardá-las, a pessoa que, por pura intuição, resolveu jogá-las e

deixá-las lá, sem nenhuma explicação para isso, foi tomada por um poder de decisão, e reside aí, segundo o filósofo, “a verdadeira liberdade” (Idem, 2012:11).

Foi exatamente aí que o acaso da história me uniu a estas existências relâmpagos, silenciadas, bloqueadas pelo silêncio e pela escuridão. Ao encontrar aqueles escritos, as vidas ali retratadas eram simplesmente consideradas como “umas coisas escritas pelas mulheres da vida”. Riscos e rabiscos escritos num momento de perigo, em um tempo sombrio, lembrando Hannah Arendt (ARENDR, 2008). Foram escritas na precisão do tempo, suas letras tortuosas revelam a efemeridade do momento, todavia, se a história não lhes cedeu espaço, foi através da escrita que elas marcaram e fixaram suas existências, que irromperam o comum. Segundo Foucault,

O insignificante cessa de pertencer ao silêncio, ao rumor que passa ou à confissão fugidia. Todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas. Elas se tornaram descritíveis e passíveis de transcrição, na própria medida em que foram atravessadas pelos mecanismos de um poder político (FOUCAULT, 1977:216).

Ao atravessar os tempos sombrios à época da campanha de moralização, essas mulheres não se perderam de si mesmas nem tampouco se deixaram esvaziar pelos inúmeros saberes que infligiram uma identidade fixa sobre seus corpos. Não se tornaram heroínas de si mesmas, mascriaram cada qual à sua maneira, modos singulares de vida e de existência.

**- “fugi de casa, tive meu filho e mandei pra eles criarem...”**

À época da campanha de moralização, Joana era uma das prostitutas mais ativas dentro da zona. Em descompasso com os códigos morais de sua época, opta por se tornar prostituta e é na zona do meretrício central de Pouso Alegre onde passa a viver como tal. Nascida em uma família conservadora da cidade sul mineira de Jacutinga, desde cedo teve sérios problemas na família. O rompimento familiar acontece, quando aos 19 anos, ela engravida e é pressionada pelo pai a se casar. Recusando o matrimônio e negando a se unir com alguém que não amava Joana abandona sua casa e foge, a conselho de uma amiga, para a cidade de Pouso Alegre.

Sozinha, “gravida de poucos meses”, ela se hospeda na casa uma amiga de infância que já morava há alguns anos na cidade. Pouco tempo depois se muda para a zona do meretrício, pois de acordo com ela, sua amiga “não concordava com algumas de suas opiniões sobre a vida”. A forma como ela entra para o mundo da prostituição é desconhecida. Talvez ela tenha visualizado naquele espaço o que sempre almejou para si: liberdade. Assim ela narra quais eram seus objetivos quando abandonou a casa da família:

Naquele dia, quando abandonei minha casa, eu quis que tudo fosse diferente(...) meu objetivo não era ficar rica ou conseguir um bom trabalho. Eu queria ser eu mesma, ir onde quisesse, falar com quem eu queria, olhar para quem eu desejasse olhar. Não dava pra viver na fossa como eu estava. Meu pai me tirava o gosto, pior ainda quando engravidei e ele quis que eu casasse. Fugi de casa, tive meu filho e mandei pra eles criarem.

“Ser eu mesma”, “ir onde quisesse ir” foi algo que Joana descobriu ser difícil dentro de uma sociedade que delimitava fortemente os espaços e separava representativamente os limites entre o lícito e o ilícito. Na década de 1960, Pouso Alegre vivenciava um período de expansão urbana com o processo de urbanização que trazia inúmeras indústrias para a cidade.

É dentro deste contexto de urbanização e industrialização que se forma, a partir da década de 1960 uma campanha de moralização contra a zona do meretrício central. Entre os objetivos da campanha, estava o esvaziamento da zona central e sua transferência para um local longe do centro da cidade. Em 1973, na edição do dia 30 de setembro, *A Gazeta de Pouso Alegre* assim discorre sobre a zona boêmia:

A zona boêmia de Pouso Alegre (centro) localizada nas ruas David Campista, Cel. Campos do Amaral, Francisco Sales, Tiradentes e Rosário, voltou a funcionar algumas casas de prostituição e vários **inferninhos** (em negrito como no jornal), ficando situada na parte central da cidade, onde residem inúmeras famílias compostas de adultos e crianças em idade escolar. Existem dois bares recentemente reabertos nas esquinas das ruas David Campista com a Cel. Campos do Amaral, onde várias mulheres fazem ponto neste local, infelizes da mais baixa categoria, sem nenhum pudor ou respeito a moral dão verdadeiros vexames, não só gritando palavrões como aliciando transeuntes que por ali são obrigados a passar, como ainda

atentam acintosamente contra a moral, permanecendo semi – nuas e descompostas em plena rua, na frente de crianças que normalmente transitam neste local para fazerem compras e irem as escolas.

Joana era ativamente frequentadora destes bares. “Era lá que eu conseguia meus clientes e levava para casa”. Foi em um destes bares que ela conhece alguém influente no cenário político da cidade e passa a ter com ele algo a mais que um relacionamento entre cliente e prostituta. Pelo menos para ela.

Quando a campanha de moralização torna pauta nas reuniões da Câmara Municipal, Joana descobre que, entre os idealizadores da campanha, estava aquele que lhe “fazia experimentar os mais saborosos momentos de prazer”. Uma decepção que a abalou, mas nem por isso, fez com que se quedasse diante da situação:

Não consigo mais conseguir viver com um homem que ta me atormentando e me deixando todos os dias na fossa mais profunda que uma pessoa pode ter. De noite esse ser que se acha vereador e representante desta cidade imunda vem me atormentar, me ameaçando que vai me matar. Não vou dar esse feito. La ele diz que eu sou lixo, que eu sou doença e que eu sujo a cidade. De noite ele vem aqui e me mostra outra coisa. Não sou lixo nem doença, sou mulher, assim como tantas outras desta cidade (...) não me importo com aquilo que está acontecendo por horas nessa cidade falsa e podre.

Escrever se torna para Joana uma ferramenta. Uma forma de “atenuar os perigos da solidão” (FOUCAULT, 2010: 149). Mais do que isso, uma maneira de se constituir diante dos inúmeros saberes normativos que naquele momento buscavam enquadrá-la em uma identidade fixa. Para Foucault, “escrever é, portanto, se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”. De acordo com o filósofo, o exercício da escrita faz o sujeito se subjetivar diante dos discursos recebidos e transformar esses exercícios em princípios racionais de ação, em modos de conduzir a vida.

Joana soube brincar com os discursos, driblando as investidas do poder se subjetivando diante deles de forma crítica, seja não aceitando enquadramentos (“não sou lixo nem doença”) seja se posicionando diante dos acontecimentos (“não me importo com aquilo

que está acontecendo por horas nessa cidade falsa e podre”). Diante das investidas da campanha, Joana se mostra ativa e outras formas de produção de subjetividades podem ser visualizadas: “me sinto uma nova mulher, uma força invade meu coração e me faz lutar contra esses indecentes. Eu me sinto uma outra mulher quando junto comigo as forças das minhas manas e amigas”.

#### - “eu posso ser diferente do que eles pensam que eu sou”

“Eu me sinto uma outra mulher quando junto comigo as forças das minhas manas e amigas”. As redes de amizade estabelecidas pelas prostitutas à época da campanha de moralização foram fundamentais para que, juntas, pudessem formar um movimento contrário as investidas da campanha. Na escrita de Joana é latente a importância que o outro assume para si. De acordo com Foucault o “cuidado de si” não se configura como um exercício de solidão, mas “uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 2009: 57) que busca não o afastamento do outro, mas “intensificação das relações sociais”(Idem, 2009:56).

A presença do outro, a intensificação das redes de amizade entre as prostitutas formavam, na expressão de Deleuze e Guatarri, verdadeiras “máquinas de guerra” (DELEUZE; GUATARRI, 2007). Relações que marcaram fortemente a subjetividade de Joana, a ponto de fazer com que registre um episódio importante para ela:

Não esqueço aquele dia que a mulherada lá da zona ficou sabendo que um tal bispo importante ia vim realizar uma missa no santuário. Dei muita risada aquele dia, como eu tava feliz naquela hora. Foi aí que uma teve a ideia de fazer a mesma coisa. Era pra gente entrar tudo juntas na igreja e ir lá na frente pedir a bênção pro bispo. Nossos amigos iam morrer de vergonha quando ia ver a gente entrar na igreja. Eles não gostavam que a gente andava pela cidade quando eles tavam com a família. Eles tinham medo das filhas deles ver a gente e gostar do nosso andar, das nossas roupas e do nosso brilho. Aquele dia pra mim ia ser ótimo eu ia mostrar como eu posso ser diferente do que eles pensa que eu sou

Apresentar-se diante da sociedade considerada normal era pra Joana uma forma de se mostrar enquanto mulher que era, independente daquilo que praticava nos espaços da zona.

Longe de sua área de atuação, Joana quebrava os limites representativos que separavam os espaços do prazer, dos amores ilícitos para com os espaços da normalidade. A fusão destes espaços representava uma ameaça para os clientes da zona, que ali, junto de suas famílias, corriam o risco de serem desmascarados pelas prostitutas.

Mais que isso, a presença dessas mulheres tornariam líquidos os sólidos imaginários construídos sobre espaços que deviam ser devidamente isolados. Ora, quando as sexualidades insubmissas misturam-se com a dita moral de honra da cidade, a teia discursiva que sustenta as construções deste imaginário perde o controle sobre a situação, abalando as velhas ordens e pondo em xeque valores e códigos de gênero. Pra Foucault, “na prática cristã, (...) o corpo é objeto de exame”, afirma, e continua, dizendo que o corpo é “examinado para sabermos que coisas indecentes se preparam e se produzem nele.” E conclui então, que o corpo se “torna o problema”. (FOUCAULT, 2010: 32).

Corpos de passagem (SANT’ANNA, 2001), que atravessam e abalam, que escandalizam; que pesam (BUTLER, 2000). Lugar de inscrição dos acontecimentos, o corpo é, “o lugar prático de controle social” (FOUCAULT, 1988:15; BORDO, 1997:19). Lugar de mando, de alvo o corpo da prostituta era não somente o lugar de ataque por parte das investidas do poder, já que portadoras do exótico, seu corpo revelava a exuberância do prazer, afloramentos do desejo, gestos e sinais que fugiam ao controle normatizador, mas que também representava a possibilidade de mudança, a capacidade de desestruturar e abalar – através do espetáculo da exibição de seus corpos – os ultrapassados códigos morais que sustentavam as relações sociais.

#### **- “não sou santa, mas também não sou pecadora... eu nasci pra ser quenga”**

À época da campanha de moralização, Julieta frequentava os movimentados bares que circundavam a zona boêmia central de Pouso Alegre. Ela lembra que “quando saía para beber, (...) todos ficavam em cima” dela “querendo pagar as melhores bebidas e poder ter a honra de sentar” junto dela nos diferentes bares da zona.

Julieta envia uma carta para seu amigo pedindo que a (re) enviasse à sua prima que residia em outra cidade. Ativa prostituta na zona boêmia, em certo momento parece que se



incomoda com a forma com que era vista pela sociedade e principalmente sobre os clientes que frequentavam a zona e se relacionavam com ela. Em sua carta, escrita com palavras simples, tons de ressentimentos são visíveis, principalmente quando diz que:

sou prostituta por uma opção minha mesmo, não se preocupe comigo, sou feliz e é isso que me importa. Essa vida não é fácil, e nem difícil, mas é muito gostoso fazer o que eu faço. (...) Não sou santa, mas também não sou pecadora. Eu quis fazer isso e vou fazer até quando eu puder fazer. Eu nasci pra ser quenga mas não consigo entender por que as pessoas quando me olham não vê a Julieta, mas vê minha vagina (...) é só ela que eles vê. É isso que eu não gosto por que eu sou mais do que ela.

Através de suas palavras, é possível perceber que Julieta era uma das mulheres mais requisitadas na zona boêmia de Pousos. Prostituta por opção, cansada da vida de cidade pequena, resolve se tornar “quenga” para “viver a vida mais solta e por conta própria”. Propõe, portanto, que repensemos a construção simbólica sobre o imaginário construído em relação à mulher prostituta. Incomoda-se diante do fato de que era constantemente relacionada a seu sexo.

Ora, num momento onde a cidade buscava conhecer a prostituição, o corpo feminino da mulher prostituta foi base para construções misóginas de sua identidade. A prostituta passa a ser o seu sexo e este se torna o fundador de sua identidade. Identidade que é seu sexo, seu órgão sexual, inferiorizando a condição feminina e minando suas singularidades. Pergunto com Foucault, “qual é a verdade dessa coisa, que no indivíduo, é seu sexo ou sua sexualidade: verdade do sexo e não intensidade do prazer”? (FOUCAULT, 2010: 61).

Em relação ao amor, Julieta pode ser considerada uma mulher à frente de seu tempo. As expressões de amor propostas por esta mulher apontam para relações livres, relacionamentos baseados na liberdade e na fluida relação entre os parceiros. Nega a todo o momento o “amor aprisionado”, onde a mulher “fica presa naquilo que ele quer, que acha que é o melhor pra ela”. Afirma categoricamente que “nunca quis uma vida presa, e nenhum homem”, qualquer que seja, “mandando na minha vida ou falando o que eu tenho que fazer ou usar”. Portanto, nos parece extremamente revolucionário que em meio à campanha de moralização, Julieta, prostituta perseguida e esquadrihada pelas teias emaranhadas de relações de poder e saber se preocupe com questões outras como a do amor entre duas pessoas. Tudo isso nos sugere que muitas destas prostitutas, inclusive Julieta, procuravam não

somente se defender ou contra-atacar diante do que estavam sendo-lhes imposto pela campanha de moralização. Cuidar de si, expor seus pontos de vista, se mostrar enquanto mulher, tudo isso nos aponta para caminhos até então não historicizados e não visibilizados pela memória sobre a zona central de Pouso Alegre.

Na medida em que se atenta a perceber as diferentes subjetividades construídas num momento de formação de saberes e dizeres sobre a prostituição na cidade de Pouso Alegre, tudo isso possibilita abrir fendas em um imaginário que tem valorizado a atuação dos grandes homens sobre a memória da zona do meretrício na cidade. O que se tem visto é uma masculinização da zona boêmia central onde as prostitutas estão constantemente sendo apagadas e silenciadas perante esta memória.

Quando se pensa a zona, se pensa em seus clientes, ou nas grandes autoridades que atuaram maciçamente contra o seu fechamento. A zona tem se reduzido, nesse sentido, à campanha de moralização e as diferentes sociabilidades que ali se formaram, as teias de amizade e companheirismo, a forma de viver destas mulheres, enfim, o cotidiano da zona tem-se esmaecido. Na contramão, quando se dá visibilidade ao processo de construção de novas subjetividades pelas mulheres prostitutas, ou seja, como se perceberam diante de tudo, como buscaram se construir, quando se atenta para estas questões contribui-se para que a memória da zona se feminize; que as experiências destas mulheres tragam uma nova configuração para a memória da cidade e busque quebrar imaginários misóginos que tendem a polarizar as relações sociais entre dominantes e dominados. Mais do que isso, longe de colocar as prostitutas em posição de ataque, é preciso fazer com que mostrem seus projetos de vida, seus pensamentos, para que assim, possamos perceber que é possível lutar com outras armas e com novos métodos.

Muitas vezes como “Eva”, poucas como “Santa”, o fato é que as prostitutas construíram redes de sociabilidades dentro do fluxo social da cidade. Sua presença, muito embora incomodando, alterou profundamente as representações sobre o que se exigia do feminino num contexto de remodelação, não só político-econômico da cidade, como também do social-cultural. A proximidade constante destes corpos perante a suposta normalidade, fez com que os papéis sociais fossem, de certa maneira, repensados, já que os ideais de dignidade e honra femininos não se mostravam suficientemente aptos para o que se esperava da nova

sociedade, que ora, devia ser condizente para com a nova fase de modernização almejada pelas elites locais. Ao fim e ao cabo, a presença errante destas mulheres custava caro demais aos interesses locais, que mesmo buscando a modernidade, pretendia continuar com os ultrapassados códigos e regras de conduta tão fortemente arraigados.

Creio, nesse sentido, que buscar por essas novas subjetividades possibilita para a cidade de Pouso Alegre destruir velhas pontes e cortar elos com um passado que já não cabe mais aos novos tempos. Pensar a zona do meretrício valorizando o masculino é uma atitude cômoda o bastante para os interesses ainda atuais de uma grande parcela da cidade, que para se desenvolver busca minar de sua memória questões tão importantes como a sexualidade; que procura solidificar relações de gêneros unilaterais calcadas em relações de poder que buscam a toda instante calar o feminino de sua história.

\*\*\*

O que surpreende na escrita destas mulheres é a força de mudança, a vontade de se transformar. Quando atentamos para a forma como as prostitutas se transformaram e buscaram o entendimento de si mesmas, percebemos ali uma resistência direta contra os poderes normalizadores. Ao tratar de si mesmas, ao repensar suas vidas e gerir novos caminhos essas mulheres criaram dobras na linha do poder, se reinventando e produzindo novas formas de existência, novas relações consigo mesmas e com o outro.

**BIBLIOGRAFIA**

- . ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- . BORDO, Susan. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- . BUTLER, Judith. Corpos que pesam. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- . DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- . DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs I*. Editora 34, 2007.
- . ENGELS, Magali. *Meretrizes e doutores*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- . FOUCAULT, Michel. Conversação com Michel Foucault. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977, p.203-222.
- . FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.
- . FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *Ética, Sexualidade, Política. Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983, p.144-162.
- . \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I – A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- . \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade II – O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- . \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade III – O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- . FLANDRIN, Jean-Louis. *O sexo e o ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- . RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. ]
- . SANT’ANNA, Denise. *Corpos de passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.